

Crédito seca nos EUA

Vicente Nunes

Da equipe do **Correio**

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Arminio Fraga, dão início hoje a uma missão nada agradável, na sede do Federal Reserve — o BC dos Estados Unidos —, em Nova York. Os dois terão de convencer os bancos norte-americanos a retomarem as linhas de crédito para o Brasil, como único caminho para o país sair da grave crise cambial que o obriga a ostentar a mais alta taxa real de juros do mundo e a conviver com o fantasma da inflação.

Os três maiores bancos dos EUA — Citibank, Bank of America e JP Morgan-Chase — foram os primeiros a pularem fora do barco quando a economia brasileira foi sacudida pela desconfiança, em maio. Ao fugirem do Brasil, levaram, em uma espécie de efeito manada, o capital necessário para financiar o comércio exterior do país. Pior: com relatórios alarmantes sobre os riscos da economia, ajudaram a fechar as portas às empresas privadas, que não conseguem renegociar dívidas. “É justo o governo se sentir traído e injustiçado”, admite o ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes.

Somente o Citibank cortou US\$ 3 bilhões das linhas de comércio exterior que fornece ao país, com a desculpa que já havia perdido mais de US\$ 2 bilhões na Argentina. A diretoria do Citi no Brasil, no entanto, não se manifestou oficialmente sobre os cortes. Alegou que o assunto seria tratado com toda a transparência na reunião de Nova York. Os representantes do JP Morgan também optaram pelo silêncio. O Bank of America informou que foi convidado para o encontro e que pretende ratificar seus compromissos com o país.

No BC, o clima é de descontentamento com a postura dos bancos norte-americanos. O diretor de Assuntos Internacionais, Beny Parnes, afirmou que os bancos que cortaram crédito para o país seriam retaliados. A ordem, no entanto, é não polemizar. O Brasil é extremamente dependente do financiamento externo. Malan e Fraga vão centrar o discurso de convencimento nos números do ajuste fiscal brasileiro — sempre acima das metas do Fundo Monetário Internacional — e da melhoria nas contas externas do país, com o superávit comercial estimado em mais de US\$ 7 bilhões para este ano. Poucos, porém, acreditam no sucesso da empreitada de Fraga e Malan a curto prazo.



AVERSÃO AO RISCO-BRASIL LEVAM MALAN E FRAGA AOS EUA. ESTRATÉGIA É USAR AJUSTE FISCAL DO PAÍS COMO ATRATIVO